

Toda a psicologia da mulher começa no momento da sua criação. Quando lemos o Gênesis deparamos com estas palavras de Deus após a criação do homem: "Não é bom q̄ o homem esteja só." É costume ver nesta frase o reconhecimento de uma necessidade psicológica do homem de uma companhia q̄ lhe seja semelhante e q̄ seja p. ele uma ajuda. Isso, porém, ~~foi a primeira vontade de Deus ao criar o matrimônio.~~ Creio, porém, q̄ se deve ir um pouco mais longe. O pensamento de Deus não poderia ter sido determinado por uma necessidade sentimental q̄ a solidão do homem ~~se~~ causasse. Por isso aquela frase não é, quanto a mim, a resposta de Deus a uma insatisfação do homem. É, antes, uma fala de Deus conosco, se quisermos o diálogo do Pai e do Verbo, resultantes de uma exigência intrínseca, profunda, de Deus em relação à ~~sua~~ obra da criação. Esta concebida e realizada na harmonia da ordem universal tinha de corresponder exacta/ a essa harmonia pelo acabamento,



Fundação Cuidar o Futuro

da frase q' citei Deus parece, realmente q' a obra do ~~criar~~ estava ~~nao~~  
pela perfeição. A mulher surge nos ~~anos~~  
12: e essa - ~~nao~~ ~~se~~ ~~apreciava~~ ~~vida~~ ~~em~~ ~~relação~~ ~~ao~~  
no pensamento de Deus, ~~avereçada~~ ~~pelo~~ ~~mau~~  
conflito dos seus ~~usados~~; Deus ~~participa~~ ~~a~~ ~~gloriosa~~  
po' prestigio deste ~~missao~~: ~~dar~~ ~~perfeição~~,  
po' homem. ~~enquadrar~~ ~~na~~ ~~ordem~~ ~~da~~ ~~vida~~,  
dar o acabamento ~~de~~ todas as ~~valores~~ ~~humanas~~.

Haís do q' complemento para o homem a mulher  
~~é a realização~~ faz consigo a plenitude do  
ser humano. Por isso ela é com inteira verdade  
nao só poética mas ~~teológica~~ a segunda metade  
do ser humano. (...) Aliás é essa ideia q'  
se encontra ainda na exclamação jubilosa  
de Adão quando Deus leva a mulher à sua  
presença: " - - ". P.<sup>o</sup> além da verdade e  
Fundação Cuidar o Futuro  
de profundidade do imenso mistério de uma  
conjugação parece estar aí ~~implícito~~ ~~incluída~~  
a satisfação essencial do ser q' atinge a  
plenitude.

Quando o homem é sua imagem e se-  
melhança e criando a mulher a partir do pró-  
prio homem, Deus mostra-nos ~~é~~ ~~em~~ ~~deus~~  
q' ambos possuem a mesma ~~entença~~,  
q' o ambos outorgou a mesma liberdade,  
conferiu os mesmos direitos, a ambos  
deu gratia / todo o seu Amor.

A um ea  
outro Deus não desdenha revelar-se e a um e outro <sup>2</sup>  
Deus reserva a glória da Eternidade.

Elas ao criar o homem em 1.º lugar, ao fazer  
depende<sup>dele</sup> a mulher, ~~dele~~ por isso q a mulher foi  
criada a partir do homem embora pela inter-  
venção directa deste, Deus confere ao homem  
uma incontestável missão de chefe na vida social.  
A própria diferenciação no processo fisiológico  
da procriação confere ao homem papel seme-  
lhante de Deus, ele é o cooperador de Deus  
no acto da g<sup>er</sup>ação. A mulher cabe o papel do  
"Fiat" submisso; ela é como pretende Claudel,  
a resposta obediência de todas as criaturas ao apelo  
de Deus, ela é o símbolo + acabado, + perfeito  
da criatura em face do Criador. Se de certo  
modo o homem reproduz Deus a mulher  
representa em face d'Ele toda a c<sup>ri</sup>atura. Daí a  
diferença essencial de missões q cabe a um  
e a outro. Enquanto o homem se multiplica  
na acção criadora em cada instante, a  
mulher projecta-se no infinito, transcendendo o  
tempo. No concerto universal das realizações

e das ideias a mulher aparece como colaboradora indispensável do homem, actuando embora em planos completos / distintos. Tal como na vida social onde as tarefas se encontram distribuídas, completando-se umas às outras pelas suas características próprias, também no plano de Deus surge nítida a distinção entre as missões específicas do homem e da mulher. Na economia total dos valores espirituais cabe à mulher um lugar diferente do do homem. Tal diferença acusa-se não no fim p.º q.º ambos seudem mas no modo de o atingirem. **Efeito Familiaridade Cívica e Futuro** e revelada. Importa ver porém de q.º modo e segundo a missão q.º ~~to~~ Deus lhe destinou cada um se aproxima dela.

Parece haver no processo ontológico de descoberta da realidade diferentes faces q.º nos levam a admitir nesse processo a existência dum princípio masculino e dum princípio feminino. Já S. Tomás distingue no pensamento duas potências intelectuais: ratio,

3  
q̄ coisa de masculino; intellectus, q̄ era  
q̄ coisa de feminino, feito de conhecimento mais  
intuitivo q̄ discursivo. É claro q̄ não se deli-  
mitam rígida / as fronteiras entre eles, antes  
q̄ a experiência nos revela uma mistura em  
todas as proporções de ambos. Aliás a vida intelec-  
tual exige necessariamente / o diálogo permanente  
entre o pensamento racional e o conhecimento in-  
tuitivo. O princípio masculino do espírito é  
assim responsável pela iniciativa na act.,  
pela imaginação criadora, pelo encadeamento  
lógico dos factos, pela crítica rigorosa dos dados.  
O princípio feminino revela-se no momento  
em q̄ a alma adere à verdade, na submissão,  
na humildade intelectual; então a alma deixa-se  
promover pela verdade, renunciando a si mesma,  
abandonando-se total /, deixando-se classificar pelo  
sopro do Espírito. Mas não fica nesse ponto a  
atitude ou o princípio feminino de adere em  
face da verdade. A transmissão dos prin-  
cípios eternos, a salvaguarda dos valores  
essenciais está dum modo inflexível con-

fiada à mulher. A renúncia de q̄ é capaz  
perante os dons q̄ tem de transmitir, a com-  
preensão simultânea/intuitiva e afectiva resul-  
tado da sua integração profunda na criação  
~~de~~ conferem-lhe esse papel substituível  
de reveladora, depositária e guarda dos va-  
lores p̄ meios. Edith Stein, uma das mu-  
lheres mais notáveis do nosso tempo, indica  
clara/ os dois princípios valores eternos q̄ a  
mulher cumpre transmitir - religião e def-  
nição da pessoa humana. Pela sua ati-  
tude de disponibilidade confiante em face  
de Deus, de docilidade ao sopro do Espírito,  
e ela quem na realidade maior pureza pode  
garantir a ideia religiosa no mundo. Pela  
sua missão de mãe, pela capacidade de  
sacrifício total, pela renúncia perante aqueles  
a quem transmite a vida, a mulher abraça  
a renúncia da pessoa humana, garante-lhe  
continuidade, vida, defrutade. É p̄ além  
da mulher-mãe, a virgem consagrada fa-  
zendo quebrar, em assomo individualista,

4  
a cadêta q̄ liga as guafas, mais não faz do q̄  
fala sua presunça silenciosa e pura afirmar ao  
quando o valor supremo do homem, ou como  
diz G. von Le Fort, "a virgem afirma, incarnan-  
do-o, o valor supremo da pessoa humana, nas  
suas relações directas e puro intermediárias c/  
Deus."

Toda a obra verdadeiramente grande nasce  
e transmite-se informada dos dois princípios,  
masculino e feminino. Não importa p̄ tel q̄ seja  
um homem ou uma mulher a realizá-la.  
Natural é, porém, q̄ cada um ao dar-se in-  
teira / a sua obra a informe mais vincada/  
daquele princípio q̄ se identifica c/a sua pró-  
pria missão. Por isso se explica q̄ através dos  
tempos a mulher se tenha esondido num  
lugar de 2.º plano, revelando a Verdade e  
transmitindo-a e q̄ o homem se tenha dedicado  
à acção e à descoberta porfiada de coisas novas.  
Os homens + completos, <sup>os mais inteligentes</sup> ~~os mais justos~~ e os  
mais cautos, terã sido precisa / aqueles q̄ con-  
seguiram em se harmonizar genial / os dois

princípios. Na maioria dos casos, porém, existindo o predomínio cético de um destes princípios, o homem enriquecer-se-á notavelmente pela colaboração e/ a mulher e a obra realizada pelos dois terá maiores garantias de pureza e de verdade. Existe portanto uma necessidade psicológica de colaboração q̄ resulte no fortalecimento da obra pessoal de cada um pelas ~~suas~~ aquisições das características complementares do outro. Mas, uma vez q̄ a necessidade psicológica não corresponde a uma exigência metafísica q̄ nem a tonz (nem a experiência de monstano, vemos forçosamente admitir q̄ em muitos casos se possa prescindir dessa colaboração. É o caso da maioria dos grandes místicos. Então se o homem tem necessidade de conhecer a "busca diuina do ser humano" do mesmo modo ou pela mesma razão q̄ tem de conhecer, assimilando a si, todas as criações de Deus p̄i, através delas, subir até Deus Ele. É claro q̄ o mesmo



se diz para a mulher. Le a q̄ deles se impõe 5  
como condição de valorização o conhecimento e per-  
cepção das realidades do mundo q̄ os cerca.  
c/ maior de razão se lhes exige a compreensão  
e a assimilação do outro polo da existência hu-  
mana. Para o místico, ~~com~~ <sup>ou</sup> modo mais qual-  
fi a vocação religiosa, uma condição não é im-  
posta c/ a mesma intensidade. C/ efeito o mís-  
tico supre abundante / no contacto c/ Deus todo  
o enriquecimento e plenitude de ser q̄ q̄ cria-  
tura ainda a mais perfeita lhe possa dar.

Final o q̄ fica exposto não é mais do  
q̄ a exploração do princípio q̄ demonstrado  
de q̄ o homem e a mulher possuem a mes-  
ma essência. Assim, dada a coexistência  
dos dois princípios, masculino e feminino,  
em toda a alma humana, quando falamos  
num ponto de vista <sup>misto ou neutro</sup> específica / femininos  
há significações q̄ exclusiva / femi-  
ninos.

Interessa concretizar melhor a ideia  
q̄ nimos expondo, estudando <sup>nos</sup> qual a mis-  
são específica da mulher. Ao estudar

2  
A mulher e todos os problemas q̄ c/ela se relacionam é costume falar-se das características fundamentais de mulher, daquilo a q̄ se poderia chamar a natureza feminina. Não q̄ a maior parte das vezes se fez este estudo c/ excessiva ligeireza de ânimo pois se confunde o q̄ é ~~esta~~ o traço característico da mulher c/ tudo o q̄ hábitos arreifados e tradições antiquíssimas <sup>aparente</sup> fizeram dela. Nomeada / no q̄ se refere às funções intelectuais de mulher parece-me ser muito difícil distinguir quais (as verdadeiras) as suas aptidões quando sobre ela pesam muitos séculos de atarismo de <sup>mental</sup> ausência de integração nos grandes problemas da humanidade.

Mas, apesar ~~de~~ da influência das épocas e da marca ineludível q̄ os tempos e os costumes imprimem nas ~~suas~~ aparições dos seres, é incontestável q̄ o todo psicológico e fisiológico da mulher está ordenado para uma missão específica. Existe em toda a personalidade feminina uma correspondência profunda ao pensamento de Deus a seu

respeito. Logo Mas 1<sup>as</sup> palavras de Deus após a 6  
queda "pecado original" "...tu sofrerás a dor do far-  
" e no Novo Testamento, a luminosa frase de  
S. Paulo "A mulher cuja cabeça pela sua descen-  
deúcia", encontramos os pontos de apoio de toda  
a honra acerca da missão da mulher.

A maternidade é a missão essencial da mu-  
lher: tudo nela está ordenado para isso. Ela é  
semelhante à terra imensa e fecunda q̄ cons-  
tante / em si faz a nova vida e se abre em  
novos frutos. Tal como na terra tb. na mulher  
se realiza o extraordinário mistério da vida  
da vida. A sua atitude definitiva, de disponi-  
bilidade e oferenda é a ~~melhor~~ ~~condição~~ ~~para~~  
~~a~~ <sup>base da</sup> ~~missão~~ <sup>suas</sup> missão: receber p<sup>o</sup> fecundar e dar.  
A maternidade é assim, no seu sentido  
mais lato, uma imensa obra de amor e de  
misericórdia. O dom de renúncia de si,  
de humildade, de submissão da mulher  
constitui o traço fundamental da maternidade.  
Foi isso q̄ Salomão entendeu, na sua no-  
tável sabedoria, ao descobrir a verdadeira  
glória daquela q̄ se constitui capaz de renunciar

ao filho por amor dele. A maternidade es-  
piritual é também uma força natural como  
o é a maternidade física. A maternidade  
espiritual é a capacidade de amar, de se  
apagar, de se dar, de curar todas as feridas,  
de se multiplicar numa colicitude q̄ a todos  
atende e a todos ajuda. Neste sentido, a  
maternidade espiritual não é contra a Na-  
tureza nem uma solução de emergência a  
adotar quando falta a maternidade física.  
Ela é o ~~feito~~ contrário, e antes da própria  
maternidade física, o pleno e harmonioso  
desabrochar ~~do~~ <sup>do</sup> espírito feminino segundo a  
Natureza. # Dogma mairano  
E a esta missão se vincula  
imediatamente a posição da mulher perante  
a Verdade. Enquanto companheira do ho-  
mem, ela é a colaboradora na consecução  
de todas as realizações culturais, pela  
metade da realidade e de seu q̄ tem  
conceito. Mas, na sua missão essencial  
de mãe, ela concebe em si todas as  
aquisições da cultura. Vemos assim q̄ a  
~~posição~~ <sup>posição</sup> da mulher perante a Verdade, co-

no reveladora e transmissora dos valores etér. E  
nos radica na missão maternal q̄ lhe está  
confiada. Por isso as exigências q̄ o seu papel  
em relação à verdade põe à mulher sob a  
condição "cine qua non" de realização da mater-  
nidade universal. ~~Quer~~ <sup>Este</sup> duplo aspecto  
da ~~essa~~ natureza feminina reveste-se de  
duas características: o silêncio e o mistério.  
Pode dizer-se q̄ talvez mais do q̄ o homem a  
mulher enriquece-se na mesma medida em  
q̄ se interioriza. E a certeza, o conhecimento  
de tais exigências devem provocar na mulher  
seu avôscimo da consciência da sua dignidade.  
Poder-se no barulho da agitação vã, tomar  
sobre si certas tarefas, quebra necessariamente  
o silêncio. Deixar cair o véu q̄ as esconde,  
revelar-se total/a outros q̄ não Deus, desfaz  
tudo / o mistério. (Tento p.º mim q̄ a  
verdadeira causa da mediocridade de  
muitos matrimónios está precisamente na  
~~essa~~ paradoxal ~~essa~~ de feminilidade de  
mulher: quebra o silêncio, desfaz o mistério.)

Para além desta dignidade ~~própria~~ <sup>específica</sup> q' lhe confere a sua missão na vida, existe na mulher a dignidade da própria pessoa humana. Segundo a expressão de Tertuliano, "a mulher é pessoa por si própria, ela não é feita para o homem, tem seu destino próprio (e pela mesma razão ela não é feita para a família neste sentido q' ela não tenha outra razão de ser senão procriar e educar crianças)." Não há razão p.º se dizer q' a mulher é feita única em função da vida de famílias, pois o mesmo q' dizer q' a mulher não tem o direito de ser, q' é apenas um função do homem. Isso é contrário não só ao direito natural como à experiência e, em última análise, à Revelação segundo a qual "não há para Deus nem criados nem gentes, nem homens nem mulheres, mas todos são em Jesus Cristo".

Por outro lado o homem é um ser social, tanto + completo quanto + integrado na



8  
equações da vida social. Toda a vida humana  
assume como princípio de troca moral. A homi-  
geneidade da equação vital só é garantida à  
custa da presença do "outro." Ora, citando ainda  
Senhallauges, "dar à mulher um destino pró-  
prio, como faz o Evangelho, não é de modo  
alguém separá-la, isolá-la completa/das suas  
relações naturais nem absolú-la dos seus  
deveres; é fazer somente q̄ ela aí se encontre  
a si própria em vez de lhe estar sacrificada  
como um objecto de serviço."

Fundação Cuidar o Futuro



Em virtude desta dignidade a mulher tem todo o direito a valorizar-se segundo as suas aptidões e segundo a missão específica q' lhe cabe na vida social. Portanto a sociedade tem o dever de dar a garantia desse direito. T.º-lá da personalidade feminina em causa está o substratum comum, valor primordial na escala dos valores - a personalidade humana. Pujudicar a valorização daquela é atentar contra a integridade metafísica desta.

Portanto se a mulher tem aptidões p.º a ~~de~~ <sup>a cultura superior</sup> ~~é~~ necessário fornecer-lhe a cultura superior. É evidente q' a cultura superior permite à mulher ~~situar-se~~ <sup>colocar-se</sup> em ~~maior~~ <sup>maior</sup> ~~altura~~ <sup>altura</sup> perante o mundo, a vida, Deus. Tal como para o homem a cultura superior fornece-lhe uma base intelectual e moral de valor inestimável q' lhe permite encarar os problemas vitais num plano superior. Anos de estudo aplicados, mesmo com a vontade, na busca de visões de conjunto, das relações causais dos seres e das ideias, pre-dispõem o espírito p.º a ~~afirmar~~ <sup>afirmar</sup> o interesse total do saber, p.º a unificação de todos os ramos parciais do conhecimento na verdade, s/a qual



mas há cultura autêntica. Mas a cultura superior  
adquire-se na Universidade através do estudo  
e das condições de comunicabilidade q̄ a vida  
comunitária fornece. Porque a cultura não é  
adorno do espírito nem complemento mais ou  
menos dispensável da formação, disciplina q̄  
se pode estudar ou não, mas factor integrante  
de todas as aquisições pessoais, condição essencial  
de conhecimento da conjuntura universal, ela  
adquire-se no estudo e na meditação e também  
nos contactos humanos, vivos. Parece-me ser até,  
actual/, este a > fonte de riqueza cultural  
q̄ a vida **Fundação Cuidar a Futuro** das  
estudantes; importa q̄ seja inteligente/ apro-  
veitada.

É inegável q̄ a cultura superior faz à mu-  
lher, além da visão global das coisas + posto e  
adequada à realidade, uma série de vantagens  
p.ª a sua formação espiritual. Poder citar-se,  
entre outras, o bom exercício da inteligência,  
a capacidade de julgar por si, a possibili-  
dade de entender, criticar e seleccionar as  
ideias, de estudar racional/ os problemas, de



lhes buscar soluções certas, a facilidade de adaptação a circunstâncias novas mesmo aquelas que não foram previstas / preparadas, o controle equilibrado e cad da (sentimental), a disciplina e exercício da vontade concretizar-se no c.º auto-domínio, no poder sobre caprichos e impetuosidades, o amor ao trabalho metódico e planeado, a paciência e perseverança nas dificuldades, o alargamento de horizontes pela subordinação da ação imediata aos planos de conjunto e a longo prazo, - numa palavra, a hierarquização dos 3 elementos psicológicos, inteligência, vontade, sensibilidade, num plano superior.

Fundação Cuidar o Futuro

Como já ficou esboçado há pouco, tb. a mulher tem alguma coisa a dar à cultura. A cultura esteva condenada à esterilidade, a recomeçar do princípio em cada geração e a garantia de continuidade e progresso e lhe proporcionam a presença e transmissão dos valores descobertos. Este papel específico da mulher na cultura. Mas a ela cabe também, quando para isso for dotada, a criação da própria cultura; apenas, nesses aspectos, a sua contribuição é específica.

feminina na medida em q̄ é realizada por uma  
mulher. Não o fazer não implica q̄ tenha a  
sua missão essencial. Mas fechar-se em si  
própria, emparedar a cultura q̄ adquire nos mu-  
nos do egoísmo e da satisfação pessoal, viver a  
cultura pela cultura, ou passar indiferente e inerte  
por ela sem a aproveitar e sem a utilizar no  
serviço de Deus e da humanidade — isso, sim,  
é verdadeira falta à missão q̄ lhe cabe na  
economia dos valores espirituais.

Certo não se deve desprezar, quer pela sua  
importância, quer por ser o caso mais frequente,  
o papel obscuro mas não menos real da mulher  
agindo interior / na obra cultural do homem  
quer como mãe quer como colaboradora im-  
ediata e fonte da mais pura inspiração.

A História, através de exemplos como os de  
S<sup>ta</sup> Mónica ou D. Filipa de Leucastre, no 1.º caso,  
como os de Beatriz na obra de Dante, de  
Vitória Colonna na de Miguel Ângelo, no 2.º caso,  
não faz senão confirmar esta afirmação.



Ora a cultura superior adquirida por nós de <sup>abarcas</sup> regra na Universidade, rem até à mulher <sup>de par</sup> a preparada para uma determinada profissão. Logo também a mulher está <sup>aberta</sup> todos os caminhos conduzindo às mais  $\neq$  carreiras profissionais.

É preciso, porém, notar q̄ quando falamos da profissão como um direito da mulher, quando falamos da responsabilidade da sua intervenção directz na vida social naõ entendemos um

sentido absoluto / idêntico àquele q̄ consideramos partimo, c/ certeza, do princípio de q̄ a família é o quadro onde, normal, quando nos referimos ao homem. A profissão, a mulher pode viver melhor a missão q̄ lhe compete.

Como, aliás, toda a actividade feminina, é única / uma forma de a mulher realizar a maternidade espiritual. E, porque o homem e dum modo especial, a mulher, p̄ exercer determinada virtude ou aptidão, precisam, regra geral, de ter sob os olhos o objecto concreto em q̄ tal virtude ou aptidão se vai exercer, podemos afirmar q̄ p̄ garantir o pleno florescimento da maternidade espiritual a mulher deva, na grande maioria dos casos, evoluer

Fundação Cuidar o Futuro

aqueles caminhos onde essa exigência está sempre presente. Só em casos excepcionais a mulher será capaz de, através de obras ou actividades q̄ não toquem directa/ no objecto normal de expansão da maternidade espiritual, realizá-la apesar de tudo com quebra da linha primordial da sua missão. Donde o corolário evidente: certas profissões como investigadora científica, q̄ funções de gabinete ou laboratório, só parecem recomendáveis p.<sup>a</sup> a mulher em casos muito raros de um extraordinário equilíbrio psicológico airmado ou vivificado pela união profunda e contínua com Deus. Para as outras profissões pode admitir-se q̄ mesmo q̄ esta união ~~seja~~ seja relativa/ deficiente a objectividade concreta das funções a exercer <sup>pelo menos, no equilíbrio exterior,</sup> não desvia radical/ a mulher do linha mestra do seu destino existencial.

Creio q̄ deve ser na base dos princípios expostos q̄ se pode fazer a discussão das profissões quiritinas para a mulher. Assim a distinção clássica entre profissões femininas



e não femininas deixa de ter seu sentido absoluto.

Em todas as profissões a mulher pode realizar-se e servir. Mas, existem com diuvidas profissões q̄ parecem estar mais indicadas para a mulher. A primeira é incontestável / o professorado. As assistentes sociais, as medicas têm tb. direito de si que caminho onde a maternidade espiritual se <sup>de vez</sup> exercer a cada passo. E parece-me bem q̄ na medida em q̄ a civilização se aperfeiçoar, na medida em q̄ a Universidade passar a exercer <sup>seria</sup> ~~completamente~~ a missão de orientar ~~para~~ a vida social, a mulher se vai tornando mais necessária, pela descoberta de campos onde ela ~~é~~ pode, melhor do q̄ o homem, contribuir p̄ o engrandecimento dos povos. No entanto é preciso fixar q̄ se actual / se note uma escolha indiscriminada da profissão que q̄ aparente / se atenda às condições de exercício da maternidade espiritual, isso deve-se ao facto de a Universidade ignorar a presença feminina nos bancos das Escolas. E assim, obrigada a

Fundação Guindar o Futuro

requer, mesmo nos cursos q̄ a preparação p.<sup>o</sup>  
as ~~mas~~ chamadas "profissões femininas", os  
mesmos programas q̄ os rapazes e/ q̄ nota  
de especialização, a mulher olha n̄ todas  
as profissões, revelando-as todas e escolhendo  
e/ ~~fraco~~ <sup>fraco</sup> critério q̄ delas. Creio poder afirmar  
q̄ tal não aconteceria se dentro de cada curso  
houvesse um programa suficiente/ lato de  
modo a permitir à mulher especializar-se  
nos ramos da profissão + conformes c/c  
suas missões específicas. <sup>Tal medida</sup> ~~Isto~~ levaria assim a uma  
selecção natural encaminhando as raparigas  
normal/ p.<sup>o</sup> aquelas profissões q̄ se mostras-  
sem à evidência mais favoráveis ao desa-  
lhochar da ~~autêntica~~ cidadã personalidade  
feminina. Assim uma nova estrutura de Univ.  
deve permitir o alargamento das noções de "pro-  
fissão feminina" e não o progressivo afast-  
mento da mulher das funções públicas  
como pretendem certos círculos ligeiros e  
radicais.

13  
C/feito as modificações introduzidas na vida da mulher pelas atuais condições sociais, políticas e económicas, não permitem q̄ se evare a superficialidade o papel da mulher no mundo moderno. Vimos assistindo desde o fim do século passado a uma crescente intervenção da mulher na vida social. Embora o cristianismo tivesse desde os 1.ºs tempos restituido à mulher o lugar q̄ lhe pertencia no organismo social, a lenta evolução das ideias, de cultura, do próprio progresso material só muitos séculos mais tarde permitiu q̄ esse estado "de direito" se transformasse num estado "de facto". No fim do século passado, os estados constitucionais, igualando os cidadãos, conferindo a todos os mesmos direitos, condemnar-iam a si próprios, e nessa eufonia de igualização, continuaram firmes a colocar a mulher à margem da vida social. Desbarra-ram-se os muros q̄ separavam a vida familiar da vida total. Protegida durante séculos por essa barreira intransponível a mulher perdeu a oportunidade de acompanhar ao vivo o pro-



grupo social. Apenas lhe permitia os <sup>reflexos</sup> efeitos nos horizontes limitados em q̄ a confinavam. E porque essa força prendendo-a forte à organização material do agregado familiar violentava a alma feminina impedindo-a de se determinar a si própria, no acto mais elementar da liberdade moral, a reacção quando nasceu se fez dum modo bruto e incontrolado. A mulher passou a ser desviada do centro familiar por uma força centrífuga tanto + poderosa quanto + havia consigo a perspectiva alucinante de uma vida diferente, de completa independência e liberdade. Passou-se assim de um desequilíbrio a outro desequilíbrio. Apenas se logrou deslocar o centro de forças. Daí esse movimento do princípio do século - o feminismo, errado nos exageros a q̄ a paixão o arrastou tinha uma justificação lógica nos princípios q̄ o ditaram. O grupo social do feminismo residiu neste ponto: a mulher passou a actuar em 1.º plano, independente do meio familiar q̄ era natural - adequando s/ q̄ a sua culpa tinha ganhado grande

com eficácia. A mulher ao entrar na vida social 14  
enfereceu, na febre da luta  $\bar{\eta}$  teve de travar,  $\bar{\eta}$  não  
podia fazê-lo sem mantendo a essência feminina  
da sua personalidade. Entrou no mundo do homem  
com o cuidado de continuar a ser mulher. Perfeccionou  
instintivas, adoptou métodos, s/ lhes dar a finalidade  
de feminilidade  $\bar{\eta}$  poderia torná-los <sup>eficazes</sup> adaptáveis.  
E as instituições sociais, erigidas nos mesmos prin-  
cípios  $\bar{\eta}$  o homem e limitadas à usação restrita e  
um pouco despeitada  $\bar{\eta}$  o homem elles, impuella  
não tiveram sequer abrir lugar p.<sup>o</sup> a mulher;  
limitaram-se a fazer barulho primeiro, e a  
ignora-la, depois. Por isso Mas o mal não fi-  
cou por aqui; o século XIX foi por demais pró-  
digo em ideias erradas p.<sup>o</sup> não informar delas  
os indivíduos e a sociedade. A mulher en-  
trou assim numa cultura de  $\bar{\eta}$  Deus estava  
excluído. Conformando-se a ela a mulher  
não fez mais do  $\bar{\eta}$  tornar ilusão a sua pre-  
sença como mulher. Se ela quer garantir à  
espiritualidade humana a plenitude, se quer  
estar presente no mundo do homem tem

de aceitar a responsabilidade de testemunho  
vivo da "metade do cer". A sua presença para  
ser eficaz deve fazer a toda a actividade humana  
a cooperação original e insubstituível da femini-  
lidade autêntica. No momento em q̄ a mulher  
se emancipa de Deus ela compromete mais  
do q̄ o modo de ser feminino: ela compro-  
mete todo o ser humano.

Foi esta ideia freixosa / q̄ o feminismo igno-  
rou e por isso errou tão completo /. No entanto  
tal movimento nasceu d'um desejo legítimo,  
d'uma necessidade íntima de espiritualidade e  
de serviço q̄ a família burguesa, acanhada e  
mediocre, não podia satisfazer. Mas c/ ele  
se quebraram tradições multi-seculares q̄  
apenas tinham a fundamentá-las o hábito.  
E porque de hábitos se trata q̄ não de  
princípios doutrinaários imutáveis vale a pena  
reflexões nos deles e estudar os pro-  
blemas dos nossos dias,

Ora c/dinda o problema q̄ hoje mais no in-  
teresa é o da presença da mulher na Universi-  
dade. A princípio tímida / mas <sup>depois</sup> a pouco e  
pouco num ritmo sempre crescente a mulher  
tem cruzado as portas da Universidade. Re-



rela-o o mapa I.

Que ter <sup>definido</sup> ~~definido~~ no q̄ ficou exposto os pontos  
essenciais acerca da missão e finalidade de  
mulher, enquanto tal, e como pessoa humana.  
Sabemos, ~~por~~ ~~quais~~ ~~meios~~ através da preparação q̄  
fizemos e das sessões q̄ tivemos quando durante  
o Congresso, qual a missão da Universidade.

Fundação Cuidar o Futuro

~~Importa ver em q̄ medida as folhas~~

O problema ~~de~~ da mulher na Universidade  
é, como p̄ tire oportunidade de dizer outra  
altura, ~~função~~ ~~numeros~~ ~~destas~~ ~~duas~~ ~~razões~~: a  
missão da mulher, a missão da Universi-  
dade. ~~Importa ver em q̄~~ ~~se~~ ~~medida~~ ~~as~~  
folhas no cumprimento de uma delas ocor-  
retam uma minimização e prejuízo p̄ a  
plena consecução de outra. Podemos então

estudar a influência q̄ a Univ. de hoje exerce sobre a personalidade da mulher universitária em 2 campos diferentes: um o dos problemas q̄ estão ligados à própria essência da Universidade (ciência, profissões, cultura); outro o dos problemas complementares da instituição universitária (a organização material do ensino, a vida comunitária, as condições econômico-sociais).

Na raiz desta análise põem-se problemas q̄ considero fundamentais e cuja resolução nos permite compreender muitas incertezas:

— Qual o motivo q̄ determina a ida das raparigas para a Universidade?

Se analisarmos o q̄ nos dizem os inquéritos verificamos q̄ cerca de 50% das raparigas universitárias dizem ter entrado p.ª a Universidade por gosto natural, accedido ou não de outros factores de carácter secundário. (v. mapa II) Tal resposta põe necessariamente a pergunta: "gosto natural por quê?" — Poderá ser pelo estudo

em si - e tenhamos uma vocação intelectual - ou <sup>16</sup>  
pelo exercício de determinada profissão - e tenhamos  
uma vocação profissional. Seria de esperar portanto,  
e atendendo a q̄ uma vocação profissional orientada  
para a Universidade é ainda e necessária/  
uma vocação intelectual, q̄ quer num ou noutro  
caso a rapariga universitária se realize dentro  
da Universidade em nível elevado de qualidade  
e preparação consciente. Ora p/ querer antecipar  
demasiado as conclusões posso p/ dizer q̄ não é  
exacta / isto q̄ os inquéritos revelam. Dos  
casos possíveis, apresentados na respectiva pu-  
guinte - falta de recursos, "impulsão irreflectida"  
- parecem ter tido pouca influência na escolha  
da carreira. No entanto entrou convencionada de q̄ se  
tais factores não tiveram influência decisiva na  
opção por esta ou aquela carreira eles pesam  
grande / na escolha da carreira universitária.  
Salvo muito <sup>grande</sup> A rapariga universitária vem  
da maioria da classe média, como se vê pelo  
mapa 3. Por outro lado comparando a %  
das q̄ provêm de famílias pobres c/a das

das universitárias q̄ auferem ~~os~~ proventos de  
q̄ fontes, como emprego, explicações, etc. (v. mapa 4) - cerca de 3,5 e 20% respectiva/  
concluímos q̄ o nível económico da universitária  
não é positiva/bilhante o q̄ justificava  
essa escolha, ainda q̄, ~~inconsciente,~~ ~~mas~~  
determinado pelo factor económico, mesmo  
dum modo ~~con.~~ pouco consciente. Por outro  
lado e a confirmar este posico, o ambiente  
q̄ a cerca, as poderosas solicitações q̄ a vida  
do nosso tempo oferece, o clima familiar,  
~~como a pressão~~ na maior parte dos casos  
incontestável/pragmático e egoísta, tudo isso  
gera no espírito feminino uma rede de  
independência económica, de bem-estar (ma-  
is ~~qu~~ ~~quanto~~ pelo menos o ~~dujo~~ ~~papéis~~), de empurar o futuro.  
terial Mas para além desta razão de or-  
dem económica parece-me poder ver outra  
razão de carácter mais geral mas menos  
fácil de definir. Creio bem q̄ motivos de  
carácter intelectual, profissional, <sup>mesmo</sup> económico  
podem surgir quando ao fim de seus anos  
de Universidade se analisa ou se tenta



recordar c/ uma razoável dose de benevolência e de cautela a atitude de há uns anos atrás. Mas, na maioria dos casos é bem conhecida a atitude q̄ se toma no fim do curso liceal. A rapariga não faz questão de se interrogar sobre as suas aptidões e capacidades, sobre a sua missão de mulher. Educada ~~na~~ <sup>na</sup> família q̄ + <sup>elhe</sup> procura a conquista das glórias e das venturas terrenas do q̄ os meios p̄ - difícil escalada do bém e na Escola q̄ está muito longe de <sup>poder</sup> <sup>eficaz</sup> ajudar <sup>a</sup> adolescente nos difíceis problemas da vida, a rapariga encara a Universidade como o capítulo q̄ se segue lógico ao Liceu. Vê q̄ toda a gente estuda, q̄ todos os anos a Univ. fornece p̄ a vida pública um amontoado de gente q̄ em nada se distingue dos outros, q̄ não parece ter-se cansado muito e a Univ., impedindo-a de voltar seu definitivo p̄ a vida familiar q̄ o regime do Liceu a inibe de penetrar, aparece-lhe assim como o caminho mais fácil e pelo qual

Fundação Cuidar o Futuro



em verde da cega). A demonstrá-lo está a fo altís-  
sima das <sup>Finalistas dos liceus</sup> ~~que todos os anos~~ que ingressa na Uni-  
versidade. ~~As~~ Num grupo de 90 raparigas  
de 5.º ano do Liceu, de aptidões intelectuais  
(médias ou fracas, na maioria, a quem foi  
perguntado que fariam após o exame, todas,  
excepto 3, responderam que tirariam o 6.º e  
7.º ano p.º ingressar nesta ou naquela fa-  
culdade. O facto é sintomático.

É de notar ainda, como prova do que afir-  
mo, a pequeníssima percentagem de raparigas  
que ~~com~~ <sup>Fundação Quidar o Futuro.º. (mapa 5)</sup> ~~com~~ tiraram provas no I.O.P.. Isto não significa que dê foros de infalibilidade  
aos juizes do I.O.P. mas revela, pelo menos,  
que as raparigas não põem o problema voca-  
cional ou, pelo menos, não esgotam todas  
as possibilidades de o determinarem racion-  
nalmente. Note-se ainda aqui a responsabilidade  
dos professores do ensino secundário e da  
família que não esclarecem, não estimulam,  
não orientam, não guiam.

18  
A rapariga do ensino secundário é tão natural  
le (simples) seguir para a Universidade, tão felho  
de q̄ problema complicado como o é p.ª a maioria  
das raparigas o casamento - o problema não se  
põe, a vocação não se estuda. A vida de cada  
uma é mais um exemplar de sucessivas edi-  
ções em série do mesmo modelo-tipo.

Seguindo ~~tod~~ assim todas as moças sem q̄  
selecção p.ª a Universidade, não admira q̄ a  
maioria esteja longe de corresponder aos gos-  
tos, às aptidões, ao método, ao ambiente de  
vida de estudo, a ~~um~~ ~~ambiente~~ ~~intelectual~~  
correlato c/ os fins essenciais da Universidade.  
Não admira, por isso, q̄ seja reduzidíssimo  
o n.º de raparigas q̄ se podem considerar  
100% universitárias. Estabeleceu a relatora  
do "O universitário e os problemas do estudo"  
diferentes graus de universitariedade de acordo  
c/ as respostas ao 2.º inquérito <sup>v. mapa 6-A</sup> geral. Dando  
embora um certo coeficiente de erro ao  
critério q̄, como todos os critérios humanos,

é discutível, os valores apresentados podem ser  
p<sup>o</sup> nos valores prováveis mas q̄ não devem  
andar muito longe dos reais valores,  
como se prova por outras respostas a ou-  
tros questionários. Parece-me curioso notar entre pe-  
rsonas q̄ o "grau de universitariedade" dos rapa-  
zes não é excessiva / melhor e q̄ a distribuição  
dos universitários pelos diferentes escalões segue  
uma lei bastante semelhante p<sup>o</sup> rapazes e  
raparigas, como se vê pelo gráfico (mapa 6).  
Isto significa q̄ os universitários 100%, 70%,  
80%, ~~para entre os rapazes quase tão raros~~  
como entre as raparigas... #

Os motivos p<sup>o</sup> apontados de ingresso na  
Universidade parece-me poder ainda acrescentar  
um outro q̄ justificaria até certo ponto  
a motivação frequente feminina das Faculda-  
des de Letras. ~~Essa entrada na Univ. quer a~~  
~~fadigas de uma certa curiosidade cultural.~~  
Tal preocupação cultural, assente em bases  
~~flexíveis e desarticuladas, qual é a formação~~

liceal, revela-se no conjunto das respostas aos 19  
inquéritos sobre prob. culturais, tem como no n.º  
da ~~universitárias~~ inscrites em organizaç de  
carácter cultural. Mas, assente em bases fiaveis  
e desarticuladas q̄ lhe são fornecidas pela formaç  
liceal, essa preocupação ~~at~~ cultural parece ser  
artificial e impropria na valorizaç pessoal de  
universitárias. ~~efeito~~ Se não vejamos: uma vida-  
deira cultura assente em princípios sólidos, que-  
se-je de filosofia e teologia. Ora se ana-  
lisarmos quais os temas de ~~de~~ cultura geral  
preferidos pelas universitárias (v. mapa 7)  
encontramos os ~~temas~~ temas religiosos q̄  
produzem certas afinidades c/a teologia rele-  
gados p.º 6.º lugar e a filosofia p.º 7.º.  
Em contrapartida as preferências vão por  
ordem decrescente p.º a literatura, a música,  
os temas históricos, ~~freixo~~ aqueles aspectos  
da cultura q̄ exigem menos esforço e q̄  
revelam que certo dilettantismo na aquisiç  
cultural, mormente se compararmos tais  
indicações q̄ com os dos livros indicados

e c/a profundidade do seu gosto musical a  
q' adiante farei referências.

Creio bem q' esta ansiedade cultural  
quase frustrada só poderia ser bem orientada  
na Univ. se houvesse da forma anterior  
não digo uma cultura muito extensa porque  
é esse o erro actual mas uma cultura pro-  
funda, embora adequada, como se entende,  
à idade das estudantes.

E final / parece-me q' não vale a pena  
determinar a analisar o caso das safa-  
rigas q' vão para a Univ. à procura de  
seu marido. Ainda há bem pouco tempo  
os juízes brasileiros de S. Paulo ao fazerem  
a análise das causas de ingresso na Univ.  
faziam a seguinte referência às safa-  
rigas: enfrentam a Univ. e

"Há as q' abjuraram ao comodismo de  
vida extra-universitária c/o intento de con-  
seguir um marido mecos desarrasado.

Se a moça entrou c/a ideia precon-  
cebida de conseguir marido, errou: pela  
desvirtuação do meio; pela dishonestidade

20  
pela concorrência desleal".  
pela concorrência desleal".  
pela concorrência desleal".

Em conclusão: parece ser muito difícil defini-  
r exacto/ o motivo de ingresso das raparigas  
na Universidade. Mas essa mesma imprecisão  
leva-me a dizer mais uma vez: todos os pro-  
blemas q̄ são querir na vida universitária  
e independentes da própria estrutura de  
Univ. (na medida em q̄ é difícil referir  
a crise da Univ. da crise dos universitários)  
vão a ser consequências ± remotas do  
problema base da vocação, da sua deter-  
minação nacional - em última análise de  
forma intelectual e moral recebida du-  
rante a adolescência. Por isso o problema  
da mulher na Universidade é conexo c/a  
da educação das adolescentes e a resolução  
deste exige a resolução deste.

É altura de ~~encontrar~~ analisar a mulher dentro da Universidade.

Vejam os em 1.º lugar o aspecto de apreensão e construção da ciência: o estudo e a investigação científica. Em relação ao estudo a universitária oferece uma paridade que nos rapazes de economia me parece muito mais reduzido. As preocupações molares, as discussões sobre temas de estudo apenas parecem acordando para esse época de exames. Normal / a universitária fez os seus anos de Universidade ~~no~~ tempo presente, não atinge classificações ~~irrazoáveis~~ baixas, mas a vida de estudo parece apenas aflorar a zona superficial do seu espírito. Uma vez acabada a Univ. diluem-se as preocupações intelectuais ou culturais nas preocupações burguesas. Essa paridade ou indiferença em face do estudo manifesta-se, entre outras, pela maneira como a univ. tira apontamentos nas aulas. Cerca de 77% ~~do~~ (v. infra) ~~meu~~ ou tenta escrever tudo o que diz

o professor. Tal atitude está bastante de acordo 21  
c/ a preocupação q̄ manifestz cerca de 77% (v. mapa 9)  
de assistir a todas as aulas teóricas.

Parece evidente q̄ a universit'z precisa q̄  
dentro da Universidade lhe estimulem a inicia-  
tiva no estudo, a capacidade de crítica, o trabalho  
pessoal. Se os exames representem uma medida  
dist'ca para esporádica / o conseguir, a inves-  
tigação seria a maneira normal de a Univ.  
fazer de cada rapazga matriculada uma ve-  
dadeira universit'z.

Além de q̄ a investigação não corrige  
os defeitos temperamental's ou de educaçãõ;  
a investigação desenvolve a qualidade dos latentes  
~~e~~ mas, por ora, mal aproveitadas.  
O efeito, verifica-se pelos inquéritos q̄ as  
rapazgas possuem um certo método de  
trabalho intelectual (59% fazem planos de  
estudo no início dos períodos e ~~86,5%~~<sup>87%</sup> em  
época de exames). ~~Simplex~~ (v. mapa 10)



Das o facto de só 13% das raparigas  
(v. mapa 11) terem lido algum livro sobre  
método de estudo ou de trabalho intelectual  
leva-me a crer q o método evidenciado  
naquela resultado é que tanto empírico e  
carece portanto de uma estrutura científica.  
A investigação realizada c/ fins  
pedagógicos obrigava s/ devida as universi-  
tinas a ~~uma~~ aquisição de uma metodo-  
logia do trabalho intelectual q é ~~logo~~ con-  
dição de rendimento da vida espiritual.

Se acrescentarmos ainda o amor desin-  
teressado ao estudo revelado por 31% de ra-  
parigas contra 18% de rapazes (v. mapa 12)  
as qua-  
lidades de meticulosidade (...) e sentido de  
perfeição q a mulher manifesta / possui,  
podemos dizer c/ segurança q a universitária  
será capaz de investigar dentro da Univ. e  
investigando assegurar-se em grande parte  
a formação de uma séria personalidade  
intelectual.



Ela não fica na ciência a missão da Universidade. Ela não pode deixar de formar profissionais e profissionais conscientes, seguros da técnica q̄ têm na mão e aptos a serem chefes dos outros homens.

Segundo os inquéritos (v. mapa 13) interessam-se por uma preparação profissional consciente cerca de 42% das zonas universitárias. Considero este dado bastante optimista dado q̄ a maioria das reveals no dia-a-dia do estudo era preocupada de uma maneira muito vinculada. Vejamos <sup>outros</sup> ~~seus~~ outros índices q̄ nos dão + alguma Fundação Guiar o Futuro certeza. Parece-me ser esse índice poderosíssimo de uma preparação profissional consciente a  $\geq$  seriedade posta na realização dos trabalhos escolares. Dizem-nos os inquéritos (v. mapa 14) q̄ 36% das raparigas comete fraudes em trabalhos escolares, quer na cópia de trabalhos congêneres dos anos anteriores, quer na ocultação proposital de bibliografia, quer por outros métodos, todos formais/pouco elegantes.

Ciclo  $\bar{q}$  este resultado é ~~ainda~~ baixo e a de-  
monstra-lo levou a reacção do meio em  
face da fraude: as universitárias observadas  
encaram indiferente / a fraude. Ora isto sig-  
nifica  $\bar{q}$  há c/ certeza uma grande maioria  
de universitárias a usá-la; só assim se pode  
justificar  $\bar{q}$  o meio permanece indiferente.  
A acreditar nos 36% é muito estranho  $\bar{q}$  o  
meio não reaja condenando tais hábitos.  
Existe uma percentagem apurável de raparigas  
ou como tudo fraudes ou pelo menos aci-  
tando-a p/  $\bar{q}$  o seu código moral se opõe c/ 1520.

Fundação Cuidar o Futuro  
Além de revelar uma desorientação grave, ~~o~~  
a isto significa  $\bar{q}$  a mulher pouco se preocu-  
pa afinal c/ a profissão; interessa-lhe passar  
no exame, quando muito ter boas notas.

Outro índice  $\bar{q}$  não revela uma preparação  
profissional consciente é a irregularidade no estudo,  
muito maior  $\bar{q}$  a dos rapazes. Assim cerca de  
32% das raparigas estuda mais de 16 horas  
por semana enquanto o mesmo n.º de horas  
é atingido por 40% dos rapazes. (v. mapa 15)

Centro de Documentação  
CURSOS  
FUSCO  
SECRETARIA

(v. mapa 16)

Se compararmos agora estes valores c/o tempo 23  
que dormiam nos e outros verificamos este facto curioso:  
em tempo normal de aulas, i.e., sem exames,  
dormem ~~menos~~ menos de 8 horas por dia 18% das  
raparigas e 26% dos rapazes; em épocas de  
exames estes valores saltam brusca / p.º 65% as  
raparigas e 53% os rapazes. Este estudo por  
aficado feito na altura dos exames não pó  
acusar a preparação profissional pouco consciente  
como é um factor m.º importante p.º o desfeiti-  
líbrio psico-fisiológico q.º pode ter sérias consequên-  
cias no futuro, mas que de modo algum ao fa-  
zer esta crítica ignorar os casos das Escolas Su-  
periores onde um irracional regime de estudos  
prevalece, mesmo nas autênticas vocaf.º intelec-  
tuais, uma irregularidade no estudo idêntica  
q.º afonsei e de consequências igual / graves.

Fundação Cuidar o Futuro

O interesse, a consciência profissional,  
deviam traduzir-se ainda na busca de conhe-  
cimentos novos, na tentativa de aprofundamento  
da matéria das aulas. Ora o inquérito (v. mapa 17)

(mostreu-nos q. 47 to das universit'inas diz  
alargar os conhecimentos do seu curso para além da  
matéria de exames enquanto (v. mapa 18)  
25 to e' o n.º indicado pelas equipas. Ocorre  
Admitindo q as equipas pegaram por def-  
ciência de informações e as universit'inas por  
~~expresso~~ Indino-me a auditar mais neste  
resultado mas por propósito deliberado de dizer  
mal mas pelo q passo a expor. Ocorre per-  
guntar quais as fontes de bibliografia comple-  
mentar a q recorre a universit'ina. Como dedica  
pouco tempo a ~~esta~~ **Fundação Caidar e Futuro** que ~~de~~ **este** multi-  
plica unica / na altura de exames parece  
lógico auditar q mas recorre c / muita faci-  
lidade a livros de difícil consulta. É natural  
q recorra às revistas das especialidade.  
Ora não precisa / 25 to (v. mapa 19) as  
universit'inas q dizem ler habitual /  
revistas referentes ao curso q frequentam.  
Este n.º está de acordo c / o indicado  
pelas equipas e leva-me a aceitá-lo.



Não basta, ainda, q̄ profissional/~~uma~~ <sup>a</sup> universi-  
 zina seja muito competente; importa q̄ confira à  
 profissão o lugar q̄ lhe compete nos valores espiri-  
 rituais. Se analisarmos as ideias das raparigas uni-  
 versitárias acerca da profissão verificamos q̄ apenas  
 11% (v. mapa 20) considera a profissão como apelo  
 de Deus. Isto revela o desconhecimento dos princípios  
 expostos, a indiferença e/ q̄ e encarada a profissão  
 ao plano sobrenatural. 35% considera a  
 profissão como a satisfação de uma exigência íntima  
 do próprio ser; não vai até q̄ ponto este ponto  
 traduz uma visão egoísta da profissão, caracteri-  
 zando aquelas q̄ consideram todas as realidades  
 culturais e sociais em função de si próprias.

Qua a profissão reveste ainda o carácter de  
 serviço e, como se disse, a profissão só tem  
 sentido p̄ a mulher quando é uma forma  
 de exercer a sua missão essencial de materni-  
 dade espiritual. Simples / apenas 17% das  
 universitárias considera a profissão como um  
 serviço da sociedade. No entanto, (v. mapa 21)

cerca de 37% das raparigas ~~em~~ ~~consideradas~~  
absolutamente necessárias p.<sup>a</sup> a formação de bons pro-  
fissionais a introdução no curso do estudo da  
missão e responsabilidade social dos diplomados.

Isto quer dizer q̄ embora as raparigas não  
considerem o serviço da sociedade na profissão  
têm a intuição de q̄ isso é fundamental.  
Cabe à Universidade fortalecer a consciência  
deste sentido de serviço da sociedade, median-  
te a integração da técnica e da ciência com  
a realidade humana cristã e concreta /,  
introduzindo em todas as cadeiras onde isso  
for possível este sentido social, promovendo o  
contacto da Escola c/ a vida profissional,  
desenvolvendo na rapariga, através da for-  
mação integral, qualidades de chefia e de  
liderança panorâmica e justa do mundo  
social dos nossos dias, localizando aí c/  
todo o formador, a missão específica  
de cada curso-profissão.